

LEITURA: DESENVOLVIMENTO E DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Ivanete D' Nascimento Orlando Dias¹
ivanete_100@hotmail.com

Evanildo Bonfim Dias²
evanildo44@hotmail.com

Maria Helena Greco Mendes Silva³
helenagreco1@hotmail.com

RESUMO

O referido artigo busca realizar uma reflexão sobre o processo de aprendizagem e suas dificuldades, Em caráter preventivo e terapêutico. Preventivamente deve atuar no campo escolar, familiar e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas do desenvolvimento, para que possam compreender e entender suas características evitando assim cobranças de atitudes ou pensamentos que não são próprios da idade. Assim, há um embasamento teórico, que abrange os assuntos a serem abordados no decorrer da pesquisa, desse modo, buscou-se embasamento em Jardini (2003), Weiss (2004), Pain (1985), entre outros. Realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativa e bibliográfica.

Palavras Chave: Dificuldade. Aprendizagem. Dislexia.

ABSTRACT

This article seeks to carry out a reflection on the learning process and their difficulties in preventive and therapeutic. Preventively should act in the school field, family and the community, explaining about the different stages of development, so that they can understand and understand its features to avoid charges of attitudes or thoughts that are not of age. So, there's a theoretical basis, covering the issues to be addressed in the course of this research, therefore, sought to support in Jardini (2003), Weiss (2004), Pain (1985), among others. A research of qualitative and bibliographical nature.

Key Words: Difficulty. Learning. Dyslexia.

1. INTRODUÇÃO

Ao abordar aprendizagem é necessário destacá-la uma experiência social que envolve interações significativas entre crianças e adultos. Em meio a essa mediação, a criança se beneficia de instruções diretas ou indiretas dadas por indivíduos mais experientes, de estratégias de relação com o mundo, como em situações de solução de problemas e aquisição de habilidades.

¹Professora graduada em Pedagogia pela: UNIC.

²Professor graduado em LETRAS pela: UNEMAT.

³Professora graduada em Pedagogia pela: UFMT.

Nesse aspecto, vale ressaltar que cada criança aprende em ritmos diferentes e tem interesses e experiências únicas, assim, elas desenvolvem a probabilidade de alcançar seu potencial pleno para o crescimento quando são encorajadas a interagir e se comunicar livremente.

2. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Na Educação Infantil o desenvolvimento da habilidade de leitura está diretamente relacionada ao desenvolvimento das habilidades de comunicação oral e escrita. Esta última, evolui dos primeiros rabiscos para uma forma de registro do pensamento organizado e intencional.

Nessa perspectiva, Tristão (2008, p. 36) afirma que:

As atividades de linguagem oral têm como objetivo levar as crianças a interpretar o que ouvem, responder de maneira lógica ao que lhes é perguntado, e desenvolver o pensamento lógico e sua expressão. Além disso, a linguagem oral permite às crianças ampliar seu vocabulário e seus conhecimentos sobre os diversos assuntos abordados, bem como estimular sua participação verbal no grupo e desenvolver a capacidade crítica, contribuindo para o bom êxito da aprendizagem (TRISTÃO. 2008, p. 36).

Quando nos reportamos aos pequenos é preciso ter em mente que o primeiro contato da criança com um texto é feito em geral oralmente pela voz da mãe e do pai contando contos de fada, histórias inventadas ou reais, tendo gente ou bichos como personagens.

Nesse sentido, o desenvolvimento das capacidades linguísticas de ler e escrever, falar e ouvir com compreensão, em diferentes práticas sociais das familiares, não acontece espontaneamente, elas precisam ser ensinadas sistematicamente e isso ocorre, principalmente, nos anos iniciais da Educação Fundamental.

A linguagem é uma produção humana que tem origem na necessidade de comunicação, assim ao agir por meio da linguagem, os seres humanos produzem simultaneamente a capacidade de operar com símbolos, possibilitando a organização da prática social, o registro, o acúmulo de experiências e a transmissão de informações.

As crianças, desde pequenas, convivem com a língua oral em diversas situações: os adultos que as cercam falam perto delas e com elas. Nesse aspecto, a linguagem ocupa um papel central nas relações sociais vivenciadas por crianças e adultos.

Na escola, a criança amplia sua capacidade de compreensão e produção de textos orais, o que favorece a convivência delas com uma variedade maior de contextos de interação e a sua reflexão sobre as diferenças entre essas situações e sobre os textos nelas produzidos.

A linguagem oral e escrita é uma criação cultural e humana, assim, no desenvolvimento dessa capacidade não basta aprender as palavras, mas seus significados culturais, pois é dessa maneira que se torna possível compreender como os interlocutores entendem, interpretam e representam a realidade.

Essas experiências sociais ocorrem no contexto de atividades do cotidiano que as crianças planejam e iniciam por si mesmas, ou dentro de atividades iniciadas por adultos que permitem ampla oportunidade para a criança escolher, conduzir e se expressar individualmente.

Conforme enfatiza Tristão (2006, p. 15):

O adulto deve ser não apenas ativo e participativo, mas também observador e reflexivo. Ele deve ser um observador que também participa com consciência da importância de seu papel de mediador. Ele deve observar e interagir com a criança para descobrir como ela pensa e raciocina. O papel do adulto é complexo e se desenvolve gradualmente à medida que ele se torna mais capaz, por meio da observação, de reconhecer e atender cada necessidade de desenvolvimento da criança. (TRISTÃO. 2008, p. 15).

De acordo com o autor, a criança desde pequena aprende conceitos, formula ideias e cria próprios símbolos ou abstrações por meio de atividades iniciadas pela própria criança. Essas atividades ocorrem dentro de um contexto social, torna possível para a criança ser envolvida em experiências interessantes que podem produzir conclusões contraditórias e uma conseqüente reorganização de sua compreensão de mundo.

Ao nos reportarmos a leitura, é necessária compreendê-la como uma atividade individual e social. Pois, ela é individual, no sentido que depende do

processamento que cada sujeito realiza para com apreender, e assume o papel social, quando se faz em contextos específicos de interação e isso envolve diferentes comportamentos, atitudes e objetivos na situação comunicativa.

Nesse aspecto, Cagliari (1989, p. 150) enfatiza que a leitura:

:

[...] A leitura é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico. Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão (CAGLIARI, 1989, p. 150).

Dessa maneira, a leitura envolve a decifração do código e a construção de sentidos. Então ler é um processo de descoberta, tal como a busca do saber científico; portanto, dever ser construído individualmente.

De acordo com Ferreiro (2007, p. 11):

A aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição do conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... Insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. (FERREIRO, 2007, p.11).

Nessa ótica, faz-se necessário a presença de atividades que desenvolvam atitudes e valores nos alunos em relação a leitura.

Para Coelho (1995, p. 19) classifica os tipos de leitor através dos níveis de leitura de cada indivíduo seguindo a mesma ideia de períodos de desenvolvimento estabelecidos por Piaget. Ainda de acordo, com a pesquisadora a categoria leitora não está vinculada somente à faixa etária, mas há três fatores: idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura.

Nas considerações de Novaes (1995) a autora faz a seguinte divisão:

- 1) Pré-leitor: a) primeira infância: dos 15/17 meses aos 3 anos; segunda infância: a partir dos 2/3 anos;
- 2) Leitor iniciante: a partir dos 6/7 anos;
- 3) Leitor-em-processo: a partir dos 8/9 anos;
- 4) Leitor fluente: a partir dos 10/11 anos
- 5) Leitor crítico: a partir dos 12/13 anos.

Pré-leitor primeira fase (a partir dos 2 a 3 anos) nomeação das coisas e seres do mundo social, bem como o estabelecimento de relações entre a situação representada no livro pelas imagens, o mundo visível e o invisível. A autora destaca ainda que a qualidade dos livros de imagens para essa fase é essencial, mas a relação afetiva com quem realiza a leitura e a interação com as imagens é da mesma forma imprescindível para iniciar a consciência de mundo. Pré-leitor segunda fase (a partir dos 4 a 5 anos) ampliação do mundo conhecido da criança e da linguagem identificadora, pela interação com obras literárias que se apresentam sem nenhum ou com brevíssimos textos, mas com imagens que revelam uma situação atraente e também sugestiva ao olhar e mente das crianças. Por essa razão, são consideradas adequadas para ambas as fases livros com imagens e livros-objeto constituídos dos mais diversos materiais, como plástico, tecido, madeira, entre outros que estimulem a percepção dos sentidos, a curiosidade e o interesse das crianças.

Leitor iniciante (a partir dos 6 a 7 anos), há o início da aprendizagem da leitura e da escrita pela criança. Nesse sentido, são adequados textos breves, mas que contemplem a interação com os desenhos ou imagens, propondo de certa forma um diálogo que envolva o leitor aprendiz. A participação do adulto será como um incentivador da situação da leitura, por sua presença constante e motivadora, assim como parceiros em um jogo de aprendizagem. A investigação aqui em desenvolvimento será voltada para o leitor iniciante.

2.1. Dificuldade de Aprendizagem

É possível destacar que Dificuldade de Aprendizagem é uma expressão genérica que refere um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e no uso da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e da matemática. Essas desordens são intrínsecas, no indivíduo presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso que pode ocorrer e manifestar-se durante toda a vida.

Segundo Jardini (2003) a dificuldade de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala leitura, escrita, raciocínio e habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital.

Nas considerações de Jardini (2003, p. 27), o autor afirma o seguinte:

[...] As dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes, por exemplo: deficiências sensoriais, retardamento mental, transtornos emocionais graves ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instruções inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências. Por isso, a necessidade de identificação e diagnóstico precoce dessas alterações no curso normal do desenvolvimento evita posteriores consequências educacionais e sociais desfavoráveis. (JARDINI, 2003, p.27).

Assim, podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas da auto-regulação, percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade da aprendizagem.

2.2. Dislexia

A palavra dislexia é originária do grego, dys, que significa dificuldade e lexia quer dizer palavra, ou seja, dificuldade com a palavra. Essa dificuldade ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. No entanto, nem todos os problemas da fala, leitura e escrita podem ser associados à dislexia. É necessário

ter noção que disortografia, dislalia e disgrafia não são tipos de dislexia, porém, sim, características que um dislético pode vir apresentar.

Segundo a International Dyslexia Association-Comitê de Abril (1994 Snowling, 2004: 24/25), um dos muitos distúrbios de aprendizagem. É um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Mostra uma insuficiência no processo fonológico. Estas dificuldades na decodificação de palavras simples não são esperadas em relação à idade. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência, oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos e sensoriais fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem. A dislexia é apresentada em várias formas de linguagem, frequentemente incluídas nos problemas de leitura, em aquisição e capacidade descrever e soletrar.

De acordo com Shaywitz (2006, p.20):

[...] A dislexia é um problema complexo que tem suas raízes nos mesmos sistemas cerebrais que permitem ao homem entender e expressar-se pela linguagem. Pela descoberta de como uma ruptura nestes circuitos neurológicos fundamentais para a codificação da linguagem dá surgimento a esse problema na leitura, pudemos compreender como os tentáculos dessa desordem partem do fundo do cérebro e se estendem não apenas ao modo como uma pessoa lê, mas surpreendentemente, a uma gama de outras funções importantes, incluindo a capacidade de soletrar, de memorizar palavras e articulá-las e de lembrar certos fatos. (SHAYWITZ, 2006, p.20).

A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. Jardini (2003) afirma que “há uma discrepância inesperada entre seu potencial para aprender e seu desempenho escolar”. Ou seja, apesar de condições adequadas para a aprendizagem, capacidade cognitiva apropriada e oportunidade sociocultural, a criança dislética não se desenvolve no processo da linguagem.

De acordo com CID-10, a dislexia é um transtorno específico de leitura, trata-se de um comprometimento específico e significativo do desenvolvimento das habilidades da leitura, não atribuível exclusivamente à idade mental, a transtornos de acuidade visual ou escolarização inadequada. Podem estar comprometidas: capacidade de compreensão da leitura, o reconhecimento das palavras, a leitura oral, e o desempenho de tarefas que necessitam da leitura.

Outros sintomas relatados neste manual incluem a dificuldade de soletração, persistindo comumente na adolescência, mesmo quando a criança já apresente alguns progressos na leitura.

Segundo Shaywitz (2006) a dislexia pode ser classificada da seguinte forma: Dislexia Disfonética: caracterizada por uma dificuldade na leitura oral de palavras pouco familiares, que se encontra na conversão letra-som e é, normalmente, associada a uma disfunção do lóbulo temporal.

Dislexia Diseidética: caracterizada por uma dificuldade na leitura relacionada a um problema visual, cujo processo é deficiente. O leitor lê por um processo extremamente elaborado de análise e síntese fonética. Esse subtipo de dislexia está associado às disfunções do lóbulo occipital.

Dislexia Mista: caracterizada por leitores que apresentam problemas dos dois subtipos: disfonéticos e diseidéticos, os quais estão associados às disfunções dos lobos pré-frontal, frontal, occipital e temporal.

Anamnese vem do grego *Anámnesis*, onde o prefixo “aná” quer dizer “trazer de novo” e “mnesis” quer dizer “memória”, trata-se de uma entrevista dirigida pelo psicopedagogo aos pais e professores do aprendente, com o intuito de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma dificuldade de aprendizagem. O objetivo da anamnese é conhecer a história de vida da pessoa em avaliação. Para Weiss, o objetivo da anamnese é colher dados significativos sobre a história de vida do paciente (2004).

A dificuldade de aprendizagem pode estar relacionada tanto a fatores de ordem individual e/ou social, segundo Weiss (2001), na prática diagnóstica da dificuldade de aprendizagem é necessário levar em conta os seguintes fatores:

- * Aspectos Orgânicos – Relacionados à condição biofisiológica do sujeito, como por exemplo as alterações nos órgãos sensoriais, que poderão impedir ou dificultar o acesso aos sinais do conhecimento.
- * Aspectos Cognitivos – Relacionados ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognitivas, em seus diferentes domínios, além dos aspectos ligados à memória, atenção, antecipação, dentre outros.

- * Aspectos Emocionais – Relacionados ao desenvolvimento afetivo, a sua relação com a construção do conhecimento e sua expressão pela produção escolar. Estão ligados aos aspectos inconscientes envolvidos na aprendizagem.
- * Aspectos Sociais – Relacionados à perspectiva da sociedade em que estão inseridas a família e a escola. Incluem a questão das oportunidades e da ideologia nas diferentes classes sociais.
 - * Aspectos Pedagógicos – Relacionados às questões ligadas à metodologia de ensino, à avaliação, à dosagem de informações, à estruturação de turma e organização geral, dentre outras. Estas questões interferem no processo ensino-aprendizagem na medida em que influenciam na qualidade do ensino.

Dessa maneira, a entrevista que busca lembrar fatos que se relacionam com a vida do aprendente desde sua concepção bem como fatores que ocorreram no decorrer de seu desenvolvimento, assim como sua vida escolar e social.

A anamnese também é uma entrevista, com foco específico, visando colher dados significativos sobre a história do sujeito na família, integrando passado, presente e projeções para o futuro, permitindo perceber a inserção deste na sua família e a influências das gerações passadas neste núcleo e no próprio.

Também, são levantados dados das primeiras aprendizagens, evolução geral do sujeito, história clínica, história da família nuclear, história das famílias materna e paterna e história escolar.

Weiss (2004, p.73) coloca que:

[...] Com crianças, é indicado um diagnóstico de forma lúdica, onde são utilizados, principalmente, jogos, brinquedo e objetos diversos para auxiliar na representação. É interessante proporcionar espaços lúdicos nas diferentes sessões, alterando com situações formalizadas de testagem e de avaliação pedagógica. Essa alternativa dependerá de cada caso em particular. Já os adolescentes apreciam o uso de jogos de regras, em que possam brincar e ao mesmo tempo desafiar o psicopedagogo, por isso é interessante separar jogos que exijam bastante raciocínio, atenção, antecipação de situações e diferentes estratégias, utilizando-os no início ou na parte final da sessão. Com facilidade, os sujeitos revelam aspectos que não aparecem nas situações mais formais do diagnóstico, tanto na área cognitiva como na afetivo-social (WEISS, 2004, p.73).

Para Weiss (2004), a atividade lúdica ajuda na aprendizagem, mas é importante cumprir algumas observações, tais como: a tarefa precisa ser adequada com o nível de desenvolvimento da criança e deixar o ambiente bem descontraído, pois a criança percebe que está sendo observada; deixar bem claro para a criança o porquê ela está sendo atendida e para quê, pois muitas crianças identificam o psicopedagogo como um professor especial que vai decidir sobre seu destino escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, fica nítido que o aluno precisa ser envolvido na participação de atividades propostas e adaptação em sala, a criança precisa de estímulos para repetir alguns sons e letras para desenvolver maneira satisfatória.

Nesse aspecto, quando a criança apresentar dificuldade de aprendizagem, todas as atividades de estimulação da linguagem oral devem ser realizadas de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras, para que a criança sinta prazer em ler e escrever. Além disso, a criança quando diagnosticada com dislexia precisa de acompanhamento psicopedagógico.

Assim sendo, vale ressaltar que a dislexia é um problema que pode ser amenizado por métodos pedagógicos, pois que faz a diferença para os disléxicos é a forma pela qual são orientados pelos professores e principalmente pelos seus pais.

Nesse âmbito, no contexto familiar, o estímulo deve ser iniciado com a leitura de histórias infantis pelos pais e a estimulação de jogos de rimas, que ajudam na consciência fonológica, jogos com letras e desenhos, para a criança ir se familiarizando com a leitura e escrita.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CANDA, Cilene Nascimento. **Aprender e brincar é só começar**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Gepel, 2004.

CIASCA SM. **Avaliação neuropsicológica e neuroimagem nos distúrbios de aprendizagem: leitura e escrita**. São Paulo: Frontis, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

Ellis AW. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas;1995.

JARDINI. R. S.R. **Método das boquinhas: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 9ª Ed. Campinas, SP: Pontes,1989.

MICO, M.A.; BARREIRO, M.M. Dislexia. **Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, Neuropsicologia e aprendizagem**. SP: Robe Editorial, 2004.

PAIN, S.. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1985.

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores**. Rio de Janeiro: Vozes 1999

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **O papel do brinquedo no desenvolvimento. A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEISS, L. M.L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.